

Conclusão

Nosso trabalho procurou por em debate duas importantes concepções do saber histórico contemporâneo. Embora partilhem de uma mesma tradição intelectual, apresentam sobre ela olhares distintos, enfoques particulares. Ambos os olhares apresentam grande interesse para a disciplina e seu tensionamento mostrou-se extremamente produtivo. Numa primeira abordagem, as concepções de Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck divergem em inúmeros pontos, numa quase que completa oposição. Entretanto, alguns caminhos que parecem aproxima-las se revelaram ao longo das análises.

Os dois autores nos propõem interpretações distintas da filosofia heideggeriana e de suas conseqüências para as ciências humanas e a história. A sugestão de Heidegger - entender a possibilidade da disciplina histórica a partir da temporalidade inerente à existência humana - leva Koselleck a desenvolver categorias formais de conhecimento que tematizam a “finitude humana”. Trata-se de condições fundamentais que, ao provocarem a ação humana, tornariam possíveis as histórias, como narração e conhecimento, e como acontecimento empírico. A afirmação heideggeriana do “possível” como a temática primordial da historiografia é transformada por Koselleck num projeto historiográfico que visa ao estudo das formas através das quais os homens, ao longo da história, conceberam sua dimensão temporal, suas concepções de passado e futuro.

Gadamer, por sua vez, partindo das mesmas premissas, procura reavaliar o “auto-entendimento” expresso pelas ciências humanas desde seu surgimento no movimento romântico. Distanciamento metodológico e objetividade cedem espaço para uma relação de diálogo do homem com suas tradições. A historiografia passa a ser mais um caso em que a compreensão humana, histórica e transformável, se realiza. Entender a possibilidade da historiografia a partir da estrutura temporal da existência humana significa, sobretudo, o questionamento de fundo deste próprio saber. Conhecer a história passa a ser uma forma, entre outras, do homem se relacionar com seu passado e projetar seu futuro a partir do presente.

Enquanto Koselleck procura categorias objetivas de conhecimento, o esforço de Gadamer é a reorientar o próprio conhecimento nas ciências do homem. De um lado, uma concepção do mundo como objeto, algo a disposição do homem e da ciência; de outro, o mundo é entendido como “horizonte”, isto é como uma criação constante de novas perspectivas para o futuro dos homens. Para Gadamer, o conhecimento significa, sobretudo, criar mundos, projetar futuros e, só secundariamente, a constatação de como as coisas se dão.

O conhecimento histórico que nos sugere a hermenêutica filosófica funda-se no diálogo com os textos que nos chegam do passado, um dialogo que só é possível pela mediação da tradição, que cria um vínculo de pertencimento com este passado. Compreender historicamente um texto é, primeiramente, compreender seu significado para o mundo do intérprete. Na proposta de Koselleck, a compreensão histórica visa primeiramente a esclarecer sobre uma realidade existente além dos textos, além da linguagem. O historiador, é claro, não participa, da visão ingênua de um “passado em si”: o conhecimento histórico sempre elege, seleciona e organiza aquilo que deve ser conhecido. Entretanto, trata-se ainda do conhecimento de dados de uma realidade fora do âmbito lingüístico.

O vínculo com a história social é um fator que distanciaria os projetos de Koselleck e Gadamer. Para o historiador, a verdadeira vocação da história dos conceitos é auxiliar de diversas formas a história social, aprimorando seus conceitos e indicando-lhe novos temas de investigação. As transformações semânticas, além disso, só podem ser plenamente compreendidas com a referencia às estruturas e acontecimentos e conflitos sociais que indicam e representam. A sociedade, Koselleck argumenta, não é um conjunto ou uma comunidade de conceitos. A hermenêutica, por sua vez atuaria no nível da linguagem, aparentemente sem referencia ao mundo social.

Como vimos no primeiro capítulo, Gadamer não nega a validade dos aspectos objetivos do conhecimento histórico, como as categorias de conhecimento de Koselleck, ou a noção de conteúdos extralingüísticos a serem atingidos. Entretanto, afirma que tais aspectos objetivos somente fazem sentido e tornam-se de fato fontes para um saber criativo, quando são inseridos numa forma de conhecimento orientada

para o diálogo com vistas ao entendimento entre os homens e a criação de novas “orientações no mundo”. A objetividade não é um fim em si mesma; participa de um projeto mais amplo. Koselleck, em certos momentos, também percebe uma certa convergência entre a hermenêutica de Gadamer e a história. Declara que, à medida que trabalha com textos, o historiador não escapa do “cosmos hermenêutico projetado por Gadamer”. As categorias de sua antropologia fundamental forneceriam apenas as bases seguras para que o fenômeno hermenêutico possa se realizar.

A opção teórica de Koselleck pelas categorias transcendentais que “possibilitam” a ocorrência das histórias, nos planos do conhecimento e da realidade, a primeira vista insere seu projeto historiográfico nos marcos campo “pós hermenêutico” ou “não hermenêutico”, conceito proposto por Gumbrecht para caracterizar as ciências humanas na “situação pós-moderna”¹. De fato, Koselleck pretende, com suas categorias, explicar as condições de possibilidades da emergência do sentido e não apenas uma identificação e resgate do mesmo. A leitura de seus textos, no entanto, revela que esta afirmação, embora seja verdadeira, não esgota evidentemente uma caracterização da obra deste historiador. Nesta obra, salta a vista uma postura busca pelo sentido, por novos significados para o passado e para o presente.

Ao seguir seus próprios métodos, afastando-se temporariamente da história social – ou melhor, dos conteúdos extra ou pré-lingüísticos -, a história dos conceitos de Koselleck efetiva importantes proposições de Gadamer sobre o conhecimento histórico. Nosso trabalho procurou investigar como esta aproximação se efetivas, tanto no plano dos pressupostos teórico-metodológicos, quanto no plano das análises históricas propriamente ditas.

Koselleck aponta na história dos conceitos a função de crítica e de criação conceitual para a ciência histórica. Por um lado, elabora e define a conceitualidade presente nas fontes para que possam servir às investigações atuais, por indicarem permanências estruturais. Por outro, pode comprovar ou não a adequação dos conceitos científicos à análise de determinadas situações históricas. Ao esclarecer

¹ GUMBRECHT, H. U. Op. Cit.

sobre as transformações e permanências semânticas, a história dos conceitos enfoca, portanto, uma zona de interseção entre o passado e o presente.

As idéias e conceitos não se fecham em seus contextos imediatos, situações de origem ou intenções autorais. Em suas análises, Koselleck nos mostra permanências conceituais em contextos aparentemente diversos, de modo que podem afetar e dizer respeito ao mundo atual. Neste ponto, a opção de Koselleck pelas em categorias transcendentais da finitude humana é central. O “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas” formam as bases para a hipótese diretriz da obra do historiador: a modernidade como época em que progressivamente se rompem essas duas dimensões da temporalidade, momento em que as experiências passadas deixam de constituir um enquadramento para o pensamento e a ação presente e uma orientação para o futuro.. Forma-se, portanto, um contexto amplo, um horizonte único, em que o passado e a atualidade convergem. Ocorre, de certo modo, a “fusão de horizontes” de que nos fala Gadamer. O pertencimento do interprete ao texto, à tradição ou ao passado, são garantidos.

A antropologia transcendental concernente à finitude humana, com os diversos pares antitéticos de categorias, cumpre um papel de certa forma paradoxal na obra de Koselleck. A reivindicação de seu caráter extra ou pré-linguístico pretende deslocá-la para fora do âmbito hermenêutico, das determinações ordinárias da linguagem. Ao serem utilizadas nas análises historiográficas propriamente ditas, estas categorias acabam por transformarem-se, em alguma medida, em elementos de diálogo com as fontes. *Crítica e Crise* realiza uma compreensão crítica do iluminismo, questionando-o a partir de uma certa noção do que constitui o fenômeno da política. Com Carl Schmitt, partilha da visão de que a política é determinada, em última instância, pela possibilidade do conflito entre os homens e os povos e da morte física. O par transcendental “amigo” e “inimigo” está na base do entendimento da política que Koselleck opõe à autocompreensão apolítica e moral apresentada pelos autores iluministas. Tal questão lançada ao iluminismo orienta toda a compreensão dos textos.

A obra de Koselleck, notadamente *Crítica e Crise*, mostra que a divergência entre as propostas da “história dos conceitos” e da “hermenêutica filosófica” esconde

um amplo espectro de afinidades. Trata-se de um importante exemplo de que a investigação dos conteúdos sócias passados, como parte integrante de qualquer história das idéias, não impede o caráter de diálogo, de pertencimento à tradição e o laço com a realidade presente deste conhecimento. Ao contrário, uma determinada escolha teórica prévia, como a de Koselleck, é capaz de realizar tal laço, inserindo a dimensão social da ação dos contextos econômicos, sociais e políticos em marcos que o possibilitam e provocam. Tal postura defendida por Gadamer em *Verdade e Método* não implica a aceitação acrítica da tradição. Pelo contrário, no exemplo de Koselleck, a crítica é o verdadeiro mote do conhecimento dos textos do iluminismo, uma crítica orientada para entender o presente e projetar um futuro.

A crítica se dirige à razão iluminista, na qual o mundo da década de 50 deste século ainda está imerso. Ao negar seu fundamento político, o iluminismo desobriga-se da responsabilidade com o presente, o que leva ao agravamento da própria questão política com a Revolução. O homem iluminista cria laços de responsabilidade apenas com a história, cujo rumo já é conhecido, e com o qual ele deve colaborar. A realidade presente passa a ser apenas um erro a ser alterado pelo curso histórico, que progride em direção à criação da razão.

O fim esperado passa a justificar quaisquer métodos de ação. A guerra civil, marca do momento em que Koselleck escreve, se torna parte de uma revolução permanente, em que as grandes potências lutam incessantemente pela tomada do poder. Na banalização dos conflitos, se diluem as finalidades éticas envolvidas nas filosofias da história em questão: a guerra se torna cada vez mais um fim em si mesma, um recurso corriqueiro justificado por um futuro projetado pela razão. É contra esta justificativa especificamente moderna que Koselleck direciona seu arsenal crítico.

A optar pela concepção schmittiana do político, Koselleck, entretanto, nega um dos pilares da filosofia hermenêutica: o retorno ao diálogo como fundamento necessário da vida em comunidade. A política, para Gadamer e outros hermeneutas, se constrói no debate de opiniões, através do recurso à palavra. Uma posição como a de Hannah Arendt se harmoniza muito mais com o proceder hermenêutico, ao retomar como fundamento da política a tradição da democracia ateniense.

A própria possibilidade de discordar de algumas das conclusões de Koselleck revela a força e a vitalidade de suas pesquisas e de seu pensamento. A atitude objetiva da ciência, como Gadamer nos previne, não é capaz de responder sozinha sobre o bem e o futuro da humanidade. No exemplo dado por Koselleck, a ciência histórica mostra todo o seu vigor e potencial, como parte integrante de um saber criativo e inserido na amplitude das questões da vida humana.